

Dossiê Temático

**Dez Faces de Sena:
Pistas para uma travessia
pela obra de Jorge de Sena,
a assinalar o centenário
do seu nascimento**

*Ten Faces of Sena: Reading
clues of the work of Jorge de Sena,
marking the centenary of his birth*

GILDA SANTOS
COORDENAÇÃO DE

A pre sen tação

Presentation

GILDA SANTOS¹

Apesar do discurso empoeirado, ainda guardam pertinência as reflexões que levaram Teófilo Braga a escrever, em 1844, *Os centenários como síntese afetiva nas sociedades modernas*, livro-semente da grande comemoração do tricentenário da morte de Camões, que, em 1880, retumbou nos arraiais lusófonos mundo afora. Mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades, mas certo é que neste planeta composto de mudança, perduram as celebrações em torno dos centenários de nascimento ou morte dos vultos emblemáticos de algum grupo. A legião das Letras, ativa *partout*, é particularmente pródiga nesse rememorar. É certo que, na oscilação dos regimes e cânones vigentes, sempre haverá, aqui e ali, os autores banidos, ou malditos, ou esquecidos, ou silen-

==

¹ Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ciados, mas os demais podem conquistar na evocação de suas datas de natalício ou óbito maior projeção e significativas reavaliações.

Que balanço faremos deste centenário de nascimento de Jorge de Sena (1919-1978) quando os festejos cessarem?

Se o centenário convida à aproximação – e neste intuito aqui ocupamos páginas da *e-Letras com Vida* –, possivelmente a primeira dificuldade que o leitor encontra ao abeirar-se da obra seniana é a sua desmesura, a sua extensão desdobrada em grande diversidade. Como alerta Eduardo Lourenço:

Falar de Jorge de Sena é assumir o risco de uma travessia oceânica, de um mundo à primeira vista indomável e sem limites, desprovido de um centro em torno do qual pudéssemos serenamente gozar as delícias da contemplação. É para uma luta que ele nos convoca, é um desafio que ele nos lança e se não aceitarmos a proposta ficaremos, de saída, fora de seu universo. (2016: 451)

De fato, custa a crer que alguém nem chegou a completar 59 anos (mas que começou a ler aos 3 e a assinar poemas aos 16) nos tenha legado tantos títulos, a abarcar praticamente todos os recantos do literário e afins: poesia (lírica, satírica), ficção (contos, novela, romance), teatro, ensaio (literário, histórico), crônica, artigos (políticos, de crítica teatral, cinematográfica, musical), epistolografia, tradução... Como resumiu Gastão Cruz em pronunciamento oral,

«na segunda metade do século XX português é Jorge de Sena quem exhibe um mundo mais deslumbrante e diversificado». E tudo isso em páginas de onde ressuma uma cultura invulgar, densa e enciclopédica, consolidada em tempos que ainda desconheciam o todo-poderoso computador.

Dessas ramificações, Sena sempre elegeu a poesia como seu *habitat* preferencial. E com o aguçado olhar de poeta, exercitado na sua extraordinária capacidade de especular emocionalmente em verso, atuou nas demais searas. «Diário poético» ou «diário feito poesia» foi como nomeou sua produção lírica, explicitando o quanto percebe vida e obra como indissociáveis. Vida historiada na quase obsessiva datação dos seus poemas, vida emergente das referências contextuais – ora translúcidas, ora cifradas – que eles condensam e a sua biografia comprova. Eis porque a poesia nele se faz testemunho. Impossível não repetir a frase que o emblematizou:

Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto. (Sena, 2013: 726)

E se a sua poesia testemunha as circunstâncias de espaço e tempo em que lhe foi dado viver, pontuadas por três experiências de exílio – «fui sempre um exilado mesmo antes de sair de Portugal», Brasil (1959-1965) e Estados Unidos (1965-1978) –, testemunha igualmente as marcas indeléveis que legou a seus sucessores de criação poética em língua portuguesa.

Sobre tais marcas, nunca será demais relembrar a síntese que devemos a Eduardo Prado Coelho, publicada em fins dos anos 80, ao nomear Sena como uma das «figuras tutelares» da poesia do Portugal de então: «De sua obra tão diversa [...] seria difícil dizer que não condiciona, em níveis diversos, quase tudo o que a poesia portuguesa contemporânea considera e partilha». E atribui-lhe pioneirismos como «a posição de revolta permanente contra a globalidade do sistema»; «um hábito e uma prática de convívio entre as diversas áreas da atividade artística», ao abrir o diálogo da poesia com as artes plásticas, ou a música, ou o cinema (1987: 122); «um discurso de grande densidade conceptual» e ainda o introduzir na poesia portuguesa uma «linguagem da sexualidade», que rompe com convenções e propõe uma demarcação «entre o espaço da relação amorosa e o espaço da demanda sexual», o que «veio tornar muitas outras coisas possíveis à poesia portuguesa mais recente» (1987: 121-122).

Assim rapidamente caracterizada essa obra excepcional a todos os níveis, cabe justificar as matérias trazidas a este *dossier* visando traçar um percurso abrangente – tanto quanto possível, em tão curto espaço – dessa figura ímpar das letras portuguesas.

Recortando alguns elementos biográficos e traços definidores desta personalidade *sui generis*, mesclados com apreciações abalizadas da obra, começamos por dois depoimentos de amigos que conviveram com Jorge de Sena em tempos contíguos, mas em espaços muito distanciados.

Eugénio Lisboa reporta-se a julho de 1972, quando, junto com outros amigos que viviam na então Lourenço Marques, recebe Jorge e Mécia em visita pelas terras moçambicanas, depois de o casal ter passado também por Angola e África do Sul (*tour* que Sena registrou em alargadas crônicas e contundentes poemas). Não esquecendo os ares coloniais que ainda aí se respiravam, destaca as várias entrevistas dadas pelo escritor à imprensa e às estações de rádio da terra e conta-nos alguns pormenores «de bastidores» à volta das três conferências sobre Camões que o renomado professor da Universidade da Califórnia/Santa Barbara profere na cidade. Menciona ainda a visita que os Senas fizeram à ilha de Moçambique – «um dos acontecimentos mais emocionantes de toda a sua vida», dirá depois Mécia numa súmula sobre o marido. Entremeando recordações com comentários sobre a obra literária

seniana e sobre tão polifacetada individualidade, Eugénio Lisboa fornece-nos preciosas pistas para uma abordagem plurívoca do amigo e autor de *Peregrinatio ad loca infecta*.

Nesse mesmo diapasão, Fernando J. B. Martinho traz-nos algumas lembranças de seu convívio com Sena, sobretudo durante os três anos (1974-1977) passados em Santa Bárbara, na condição de «Leitor de Português». Antes disso, já lhe conhecia bem a obra poética e a ensaística (inclusive pela via do periodismo). Discorre sobre ambas e sublinha particularmente a importância da antologia «3.^a Série» das *Líricas portuguesas*, de 1958, uma aguda síntese da poesia das últimas décadas em Portugal, cuja atualidade perdura. (E, embora esta vertente de antologista não seja das mais enfatizadas quando se fala de Sena, cabe acrescentar que, a par de outras menores, ele nos legou mais dois monumentos «antológicos»: *Poesia de 26 séculos: De Arquíloco a Nietzsche* e *Poesia do século xx: De Thomas Hardy a C. V. Cattaneo*). Não menor importância atribui Fernando J. B. Martinho aos originais estudos sobre Fernando Pessoa empreendidos por Sena, dos quais se beneficiou em suas aulas e pesquisas. Não deixa ainda de enaltecer o enriquecedor convívio mantido com o mestre/amigo, que cedo ultrapassou o profissional e chegou ao pessoal e familiar.

A seguir, quatro ensaios dedicados à poesia seniana.

O de Luciana Salles – «Da “miséria de ser por intervalos”: Música e silêncio na poesia de Jorge de Sena» – percorre diagonalmente vários poemas, de vários livros, de várias épocas, numa investigação «voltada para a arquitetura da poesia seniana: uma leitura da música como modelo estrutural adotado pelo poeta para a construção de sua poética».

Ainda no campo da forte relação do poeta com a música, o estudo de Maria Theresa Abelha Alves, «O desejo em várias claves: “A morte de Isolda”», examina em minúcia o poema que tem como substrato o conhecido desfecho da ópera *Tristan und Isolde*, de Richard Wagner. Ao convocar o mito medieval e suas implicações, o próprio libreto desse ápice da operística wagneriana, um sólido conhecimento musical e não menos sólido saber poético, a autora nos desvenda meandros do processo criativo seguido por Sena em prol de paradigmático diálogo intersemiótico. O poema, escrito no Brasil em março de 1964, bem exemplifica o «discurso de grande densidade conceptual» mencionado por Prado Coelho e perfeitamente sublinhado por este douto ensaio, o qual, de modo consciente ou não, acaba por irmanar-se à erudita crítica literária de Jorge de Sena.

Depois, em «“Como de Vós...”: Um acto de fé», Aires Nascimento nos traz um largo comentário a um poema de 1958, o último do livro *Fidelidade* e dedicado ao Papa Pio XII, sob uma perspectiva religiosa cristã, à qual incorpora

referências à música de Beethoven, indiciadas pela dedicatória. Manifestações de um pensar religioso, sobretudo como inquietações à volta da fé, não raro emergem da obra deste escritor que, em aparente blague, se dizia católico sem ser cristão. Porém, esse veio ainda aguarda análises mais detidas, certamente a se beneficiarem das pistas aqui lançadas.

Em «A quinta estação de Jorge de Sena», Francisco Ferreira de Lima revisita o breve poema «As quatro estações eram cinco», nele rastreando o clássico tema da mudança e da fugacidade do tempo e sublinhando o novo aporte a ele trazido pelo autor de *Exorcismos*. A consciência do descompasso entre a finitude humana e a permanência dos ciclos sazonais na natureza (já tão cara aos poetas renascentistas que Sena conhecia e amava profundamente), exige nova formulação no século XX, obtida pelo emergir da «quinta estação», sagazmente esclarecida pelo ensaísta.

Encerrando a breve focalização da voz poética seniana trazida a estas páginas, Jorge Vaz de Carvalho também circunda o tema da fugacidade do tempo e reflete sobre «A poesia, a arte, a imortalidade». Seleciona e comenta poemas de vários livros, convocando ainda ao diálogo obras-ícones da cultura ocidental, que têm como elo um questionar sobre a inescapabilidade da morte e a ânsia de sua ultrapassagem. Rastreia, pois, nos versos de Sena,

insistentes manifestações do libertar-se da «lei da morte» – o esquecimento – pela imortalização passível de ser obtida pela criação artística, sempre impregnada de plena humanidade, com a sua permanência *per omnia saecula saeculorum*.

A seguir, transitamos para os contos, que hoje se acham reunidos sob os títulos de *Antigas e novas andanças do demónio*, *Génesis* e *Os grão-capitães*, os dois últimos também de publicação póstuma. Configurando a grande qualidade dessas 27 narrativas, uma notável variedade de temas é tratada com destreza discursiva que inclui surpreendentes experiências formais, como é o caso de «O urso, a pantufa, o quadro, e o coronel», aqui trazido à ribalta por Marcelo Pacheco Soares. Neste conto insólito, cujo título de enumeração heteróclita já nos encaminha para esferas oníricas, surreais, somos desafiados a conviver com o incerto da primeira à última linha. Assim, ganham particular importância as voluntariamente fragmentárias hipóteses de leitura convocadas pelo ensaísta em «O Natal, a alquimia, o tempo, e o espírito: Ou um (neo) fantástico conto de Jorge de Sena», que, como fios de Ariadne, nos permitem cruzar esse espaço de areias movediças e dele sair menos perplexos e com mais luzes.

Com o ensaio «O exercício da crítica: “minha prosa mais áspera”», de Ida Alves, contemplamos um grande painel da produção seniana no campo da crítica literária, que, graças a seu

conhecimento multimodal, jamais exclui o histórico e o cultural. Usando de grande poder de síntese, a autora enfatiza aspectos do diálogo luso-brasileiro privilegiados por um Sena «escritor português, cidadão brasileiro e professor norte-americano», como frequentemente ele se definia. De igual modo, apresenta-nos os conceitos fundamentais e as exigências metodológicas que embasaram sua imensa, e ainda atual, produção analítica.

Por fim, Inês Espada Vieira, em «Jorge de Sena e o exílio literário espanhol» traz-nos o Sena hispanista — faceta habitualmente pouco destacada nos enfoques dados a tão poliédrica figura. Sublinhando traços de sua biografia de exilado, inventaria a presença da Espanha em muitos de seus textos, sobretudo ensaísticos, e detém-se no convívio mantido

com figuras renomadas da cultura hispânica, que, como ele próprio, sob a pressão ditatorial, optaram por um exílio a que chamará de «diáspora gloriosa».

Eis aí algumas cartas de marear a permitirem travessias pelos encapelados mares senianos. São poucas, mas muito seguras. E quando os festejos do centenário cessarem, se estas leituras promoverem outras, terão cumprido seu objetivo: na renovada leitura de um autor, a sua perenidade.

Bibliografia

Coelho, E.P. (1987). *A noite do mundo*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa;

Lourenço, E. (2016). *Obras completas: Tempo e poesia*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Vol. 3;

Sena, J. de. (2013). *Poesia 1*. Guimarães/Babel. Lisboa.